

## **COMPOSIÇÃO SOCIAL DA AMAZÔNIA: UM MISTO DE POVOS E CULTURAS**

**Arlene Mariani Fujihara<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo registrar a composição social da Amazônia, iniciando pela descrição da origem do homem amazônico, a sua estrutura societária e a visão de teorias históricas que apontam a conquista e a colonização como momentos paradoxais. Perpassa pela revelação de uma outra Amazônia, inaugurada com a chegada dos europeus, que provocaram profundas transformações no ambiente, no tocante à economia, a política e a cultura locais. O retrato da etnia cabocla encerra a abordagem, acentuando a importância do índio na gestação étnica do povo da Amazônia. Reservamos para a conclusão, a opinião sobre o desrespeito dos ditos "civilizados", que a partir da invenção da região, milenarmente construída e registrada com lendas e mitos, sinônimos da grandeza do mundo natural e imaginário e que se confunde com o próprio aborígine.

**PALAVRAS-CHAVE:** Composição social, Amazônia, etnia, povos, culturas, conquista, colonização e miscigenação.

**ABSTRACT:** The present article has for objective to register the social composition of the Amazonian, beginning for the description of the amazon man's origin, your structure societária and the vision of historical theories that point the conquest and the colonization as paradoxical moments. Perpassa for the revelation of another Amazonian one, inaugurated with the arrival of the Europeans, that they provoked deep transformations in the atmosphere, concerning the economy, the politics and the culture places. The picture of the etnia cabocla contains the approach, accentuating the importance of the Indian in the ethnic gestation of the people of the Amazonian. We reserved for the conclusion, the opinion on the disrespect of the civilized " statements ", that starting from the invention of the area, built milenarmente and registered with legends and myths, synonyms of the greatness of the natural and imaginary world and that gets confused with the own aborigine.

**KEYWORD:** Composition social, Amazonian, etnia, people, cultures, it conquers, colonization and miscegenation.

### **O passado em primeira mão**

---

<sup>1</sup> Pedagoga, docente do Quadro Efetivo da UNIR. Mestranda em Desenvolvimento Regional – UNIR/RO.

Os trilhos da história social da Amazônia antecederam o descobrimento da América pelos europeus no século XVI. A Região Amazônica, coberta por densa floresta – Hiléia Amazônica – localizada nos trópicos, de penetração e de ocupação difíceis, já estava povoada por grupos humanos. O conjunto de comunidades tribais, presente na região, apresentava-se bastante diferenciado entre si, cada qual com sua identidade, organização social e cultura milenar de adaptação ao trópico úmido.

As referências do antropólogo Claude Lévi-Straus, citadas por Souza, sobre a questão ilustram o que se afirmou:

**Este grande e isolado segmento da humanidade consistiu de uma infinidade de sociedades, maiores ou menores, que tiveram pouco contato entre si. E para completar as diferenças causadas pela separação, há outras, igualmente importantes, causadas pela proximidade: o desejo de se distinguirem, de se colocarem à parte, de serem – cada uma – elas mesmas. (2001, p. 18).**

A Amazônia, ao contrário do que foi apregoado pela historiografia ocidental, “não era um vazio demográfico” (Souza). Na verdade, a Amazônia, desde a Pré-História já era um rico e diversificado cenário de sociedades humanas que foram sendo reveladas pelos avanços dos estudos arqueológicos na região e têm afirmado a existência de sociedades de caçadores e coletores de, aproximadamente, 40.000 anos, nessa região. Ainda segundo Márcio Souza, (2001, p. 19):

**As pesquisas da arqueóloga Anna Roosevelt, sobre as culturas da ilha de Marajó e da calha amazônica comprovam a existência de uma inequívoca ocupação desde o Pleistoceno, ou Holoceno, por sociedades de caçadores e coletores, donos de elaboradas culturas de tecnologia da pedra, e por algumas das mais antigas sociedades sedentárias, fabricantes de cerâmica e agricultores equatoriais. Um passado formado por sociedades de grande complexidade e sofisticação cultural (...).**

Sobre a composição social, o próprio Souza esclarece que:

**...os antigos caçadores e coletores da Amazônia não eram exatamente primitivos em termos de tecnologia e estética, mas também pouco lembravam os povos indígenas atuais, que supostamente são seus descendentes (Idem).**

Várias teorias, inclusive algumas muito imaginosas, explicam a origem do homem no “Novo Mundo”. A mais aceita é a de que o homem primitivo, em busca da sua subsistência, na Era Glacial, deslocou-se da Sibéria, na Ásia, para o Alasca, na América, atravessando o estreito de Bering. Foi uma glaciação que possibilitou essa

travessia do homem coletor, há aproximadamente 40.000 anos, unindo os dois continentes. A partir daí, o povoamento atingiu a Costa Ocidental da América do Norte, em seguida a América Central e depois, a América do Sul, na Região Andina.

O mesmo autor descreve o percurso dessa migração para a Amazônia.

**Algumas dessas levas de migrantes asiáticos, ou seus descendentes acabaram chegando ao vale do Rio Amazonas. É provável que essas primeiras levas de migrantes tenham cruzado a grande floresta por volta de 15.000 anos atrás, dando início à colonização da Amazônia (p. 17).**

Esse processo histórico, inicialmente, gerou na Amazônia, uma sociedade de caçadores e coletores, que estabeleceram uma variada rede de sociedades de subsistência sustentadas por economias especializadas em pesca e caça intensivas e também em substâncias extraídas das plantas da floresta tropical com o fim de controlar algumas doenças. Em busca de animais para caçar e pescar, e das plantas para desenvolver a cura, eles permaneciam pouco tempo no mesmo local, caracterizando-se como nômades. Depois, de forma lenta, transitam para o desenvolvimento da agricultura que lhes dá nova estrutura societária, o agrupamento em aldeias ou vilas, densamente povoadas, com uma cultura adaptada à floresta tropical caracterizando-se, então, ao modo de sociedades sedentárias, isto porque, mantinham-se fixas numa área mais ou menos delimitada que se estendia por muitas milhas.

Darcy Ribeiro, em “O Povo Brasileiro” destaca e dá amplitude a essa questão, quando diz:

**Toda a área era ocupada, originalmente, por tribos indígenas de adaptação especializada à floresta tropical. A maioria delas dominava as técnicas da lavoura praticadas pelos grupos Tupi do litoral atlântico, com que se depararam os descobridores. (...) Eram, todavia, sociedades de nível tribal, classificáveis como aldeias agrícolas indiferenciadas, porque não chegaram desenvolver núcleos urbanos, nem se estratificaram em classes, já que todos estavam sujeitos às tarefas de produção alimentar, nem tinham corpos diferenciados de militares e de comerciantes. Ensejavam, porém condições de convívio social amplo e de domínio de extensas áreas. Os cronistas, que documentaram aqueles aldeamentos após os primeiros contatos com a civilização, ressaltaram o vulto das populações, que se contavam por milhares em cada aldeia, a fartura alimentar e a alegria de viver que gozavam. (...) (2001, p.309).**

Embora com identidade singular, em relação à maioria dos aspectos culturais, no tocante à agricultura as comunidades praticavam técnicas indiferenciadas. As

aldeias se caracterizavam agrícolas e, isso não permitia que os núcleos urbanos se efetivassem. Eram as tarefas da agricultura que tornavam as tribos classificáveis. No entanto, todo esse legado do passado, com o tempo, passa a se diluir. É a chegada dos invasores europeus o marco e o divisor de águas de uma nova história, que decreta o início da devastação, da destruição e da morte, eventos que se desenrolam por muitos séculos.

### **Um novo tempo ...**

Com a conquista e a colonização abre-se um tempo novo para a Amazônia: “...o encontro de sociedades do Antigo e do Novo Mundo” (...) (Cunha, 1992, p. 12).

O Antigo porque se apresenta com o perfil civilizatório europeu monopolizador, fundado no modelo de estruturação societária com divisão social entre classes; o Novo porque se apresenta ao Velho como gente nova, diferente; povo novo com hábitos, culturas e estrutura societária singular.

Esse encontro exacerba o distanciamento social entre esses dois mundos, e é nesse encontro que se agravam as diferenças. A partir daí, a Amazônia toma outra face e se transforma completamente. Como se pronuncia Darcy Ribeiro, “*acontece uma verdadeira colisão cultural, racial e social*”, quando prevalece a supremacia cultural do europeu. Desencadeia-se o eixo de superioridade/inferioridade que marcou o devir da história da colonização da Amazônia e das relações entre colonizadores e índios.

Os europeus por não conseguirem apreender a originalidade das diferenças entre a cultura européia e a cultura aqui encontrada, fizeram com que emergisse o fator de desigualdade, marcado pela conquista e colonização. Povos e povos indígenas desapareceram e os remanescentes passaram a sofrer “...um processo de transfiguração étnica se convertendo em índios genéricos, sem língua nem cultura própria e sem identidade cultural específica” (Ribeiro, 2001, p.319), resultando uma fusão de culturas entre as gerações que se seguiram, ao fim do colonialismo, e essas populações primeiras pagam um tributo muito alto ainda hoje.

É isso que inaugura uma nova realidade e que coloca à prova a colonização da Amazônia. O que na verdade ocorreu foi a tomada da região de forma discriminada, inventando-se uma outra Amazônia.

Nesse sentido, reportamo-nos à professora Neide Gondim que

**Contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes (1994, p 9).**

A história oficial registra a colonização como o início de um processo de formação social. No entanto, a leitura que a autora faz desse evento é fruto da influência da visão européia sobre uma realidade imaginária e mitológica, associada à natureza variada que, de certa forma, ao mesmo tempo em que encantava com suas maravilhas, assustava com suas monstruosidades animais e corporais.

O homem medieval, de visão prática, que chegou à região, sofre um impacto com o meio físico e com a população nativa. Esse primeiro contato fez com que o índio não visse no invasor uma ameaça. A sua visão mítica do mundo, convivência solidária e, até uma certa inocência e confiança o faz ver o europeu como pessoa dadivosa e do bem. No entanto, aquela gente prática, na convivência com o gentio, provoca neste o assombro, promove o flagelo, o despojo e o cativo. Muitas dessas ações até em nome de Deus, em forma de atividades missionárias. Outras representando autoridade, mesmo, de mando.

**A vontade mais veemente daqueles heróis d'além-mar era exercer-se sobre aquela gente vivente como seus duros senhores. Sua vocação era a de autoridades de mando e cutelo sobre os bichos e matos e gentes, nas imensidades de terras que iam se apropriando em nome de Deus e da Lei (Ribeiro, 2001, p. 49).**

Esse processo produz a deculturação e a despersonalização desses povos amazônicos. A imposição cultural do europeu identifica a invenção da Amazônia, uma invenção confundida com exploração - eixo de superioridade/inferioridade - pautada na prática da devastação do ambiente e na destribalização e instauração do escravismo. Os recém-chegados apropriam-se do espaço geográfico e eles mesmos "(...). Negaram ao índio o direito de ser índio" (...). E com o seqüestro da alteridade do índio, ficou seqüestrada também a Amazônia (Souza, 2001, p. 38).

Além disso, "os heróis d'além-mar" exploraram as riquezas da terra, sobretudo, as minerais, para proporcionar o maior lucro para as suas metrópoles e, um pouco mais tarde, passam a explorar as "drogas do sertão" para abastecer o mercado europeu, uma vez que o ouro não lhes deu o resultado que esperavam.

O processo de conquista é determinante na formação social da região amazônica porque reunia, então, objetivos materiais – ouro, drogas, madeira, símbolos da ganância e da ambição branca - mascarados de doutrinação religiosa e de poder de convencimento.

O índio não se manteve indiferente a esses interesses do invasor, lutou com bravura, utilizando-se de técnicas de manuseio de armas como arco e flecha e mesmo os venenos e as armadilhas, numa demonstração de defensor do seu território. Um outro aspecto explorado pelo índio, e a seu favor, foi o conhecimento imensurável sobre o ambiente em que vivia. Isso comprova que as informações da composição científica da região eram e se mantêm suas grandes aliadas.

No entanto, o índio também se prestou ao papel servil como mão-de-obra explorada, apontando rumos e rotas na floresta e nas composições hídricas da mata, para o povo europeu. Mostravam onde podiam os brancos encontrar as riquezas que procuravam, além de lavrar a terra, produziam alimentos para o invasor.

A composição da sociedade da Amazônia, a partir da conquista e da colonização se mesclava com a presença dos espanhóis, ingleses, franceses, holandeses e portugueses, que implantavam seus modelos de colonização. Desses povos, alguns grupos vinham com objetivos específicos: os missionários para evangelizar e catequizar os índios – como é o caso dos espanhóis; os militares para “guarnecer” as fronteiras e os bens naturais. Os cientistas, cronistas e historiadores aportavam na Amazônia, interessados em registrar o potencial mineral e vegetal do ambiente, numa tentativa de expressar a região. Utilizavam-se de recursos da literatura, e da retórica salvacionista e reducionista que denotam conformismo e mistificação de um importante passo da evolução humana, mas ao mesmo tempo representativa da mais explícita exploração do homem. Os políticos, por sua vez, vinham para a apropriação e dominação do espaço.

O espírito simulador e o poder discursivo identificavam o europeu e os serviam como armas de manobra. A arrogância extrapolou alguns limites da oratória, a ponto de fazer aparecerem os termos - índio/indígena - na literatura e em dicionários, marcando essa página na história.

Os aborígenes da América, a partir de então, ficam reconhecidos no mundo pelo referencial “índios”. A expressão é usada para distingui-los dos outros povos e assim está dicionarizada: “índio (adj + sm) - Aborígene da América”.<sup>2</sup>

Esse conjunto de povos constituía a Amazônia de modo particular. Os espanhóis buscavam basicamente metais preciosos e desejavam enriquecer rapidamente. Como dizia Hernán Cortez, citado por Souza (p. 68) “eu vim para pegar o ouro, não para tratar a terra como um camponês”. Desse modo, somente os missionários dedicados à conquista espiritual persistiram na região.

Os holandeses só tinham interesse em ocupar as fazendas usadas pelos ingleses e explorar os produtos tropicais. Já, os franceses, de forma organizada, contribuem para o surgimento da Guiana Francesa, onde implantaram um sistema colonial, próprio, singularizado, numa repetição do sistema feudal – baseado no senhorio e na relação social identificada pela vassalagem.

Ao mesmo tempo, os ingleses instalavam grandes fazendas, legado deixado para os povos da Holanda.

A colonização portuguesa, conforme Souza (2001), politicamente vai de 1600 a 1823 e se divide em: de 1600 a 1700, - expulsão dos outros europeus e ocupação colonial; de 1700 a 1755 - estabelecimento do sistema de missões religiosas e organização política da colônia; de 1757 a 1798 - criação do sistema de diretorias de índios e esforço para alcançar o avanço do capitalismo internacional; de 1800 a 1823 - crise e estagnação do sistema colonial.

E é assim que realmente começa a história escrita desse Mundo Novo – A Amazônia inventada pelos europeus. Sim, inventada pelos europeus, uma vez já estava construída, há um longo tempo pelos povos amazônicos. Essa região já possuía a sua história – história oral veiculada no mundo através de seus mitos e de suas lendas, contada pelos viajantes, comerciantes e missionários como o *El Dorado* no seio da floresta, rica e cheia de tesouros.

Conhecer e analisar a história social da Amazônia sem introduzir o período que antecedeu a chegada dos europeus torna-se um desrespeito àquelas populações que já povoavam a região e que vinham, milenarmente, construindo a sua história social. A perpetuação dessa história através de mitos e de lendas é uma

---

<sup>2</sup> MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa/São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 1148  
(Dicionário Michaelis).

comprovação de que (...) “os povos indígenas atuais ainda guardam como forma de não esquecer esse passado que se perdeu na voragem da conquista” (Souza, 26).

Não esquecer esse passado pode-se interpretá-lo num sentido de sobrevivência, estímulo e até resistência para manter viva a sua cultura e, também, como forma de eliminação de causas de sofrimento, de constrangimento e, sobretudo da exclusão social a que foram submetidos. Historicamente, podemos afirmar que a sociedade relegou os índios à marginalidade sem lhes dar o “direito de ser índio” e, o que é pior, procurou reinterpretar o que se definia como espaço e homens amazônicos.

São esses eventos históricos, enfim, que tornam a Amazônia, surpreendentemente complexa e, sobretudo, senhora de um perfil civilizatório europeu miscigenado com a sociedade aqui encontrada.

### “Povo Novo”

A matriz étnica da região amazônica tem sua base na família indígena, que diversa, se espalhava em grupos independentes. Porém é o tronco Tupi essencialmente o mais importante na formação de novas unidades étnicas.

A formação neobrasileira é resultado do cruzamento de mulheres da terra com o homem português, resultando no mestiço. Essa mestiçagem foi estimulada, oficialmente, gerando um tipo racial mais índio que branco. A característica nativa era geneticamente mais expressiva, identificando um povo novo, uma nova raça, que se multiplicava, porém fruto de uma invasão européia, que chegou aqui na região não só para o acasalamento, mas e, principalmente, para a exploração e para a obtenção de lucros. Uma exploração múltipla, que se desenhou ao longo da história, atingindo a sociedade nativa material, social e moralmente.

A submissão dos índios pelos brancos se dava de forma monstruosa. Já na chegada, a branquitude, portadora de pestes mortais, sobrevivente da escravidão e de guerras, produzia a mortandade dos índios, fato que Dobyns chamou de **“um dos maiores cataclismos biológicos do mundo”** (In Cunha, 1992: p. 13).

Os nativos, ao contrário, tinham vida tranqüila, num mundo dadivoso e numa sociedade solidária. Embora também guerreassem, suas lutas simbolizavam o heroísmo e um ato de comunhão com a tribo. Ser possuído, sexualmente, pelo



português simbolizava o início da transfiguração da matriz étnica, da língua e de muitos outros costumes tradicionais.

Ribeiro considera -os

**... sem língua nem cultura próprias, e sem identidade cultural específica. A ele se juntaram, mais tarde, grandes massas de mestiços, gestados por brancos e mulheres indígenas, que também não sendo índios nem chegando a serem europeus, e falando tupi, se dissolveram na condição de caboclo (2001, p. 319).**

O homem caboclo tem em João Ramalho a sua representatividade, pois o cruzamento dele com uma mulher indígena resultou um filho-caboclo. E a partir daí estabeleceram-se “criatórios de gente mestiça”. A tomada de uma índia como esposa marca o processo de gestação étnica conhecido por cunhadismo, uma instituição social que possibilitou a formação do povo brasileiro, velho hábito dos índios de incorporar estranhos à comunidade. Embora o exemplo de relação étnica não tenha se iniciado na Amazônia, o cunhadismo também foi comum na região.

O autor acentua que o caboclo é resultante da mestiçagem de brancos com índias amazônicas, isso o permitiu reconhecer a Amazônia como um dos cinco brasis – o Brasil Caboclo.

Com essas palavras, resta-nos afirmar: o povo amazônico é um povo de contrastes, de desafios e tentativas de fusão de povos numa única sociedade, e, talvez, seja por isso, que seja considerado um dos povos mais interessantes, étnica e culturalmente.

### **Considerações Finais**

O passado é um pano de fundo para conhecer e compreender a realidade amazônica e, poder perceber a composição social de um espaço geográfico, marcado pelas invasões e conquistas de outros povos e culturas, principalmente os europeus.

O legado indígena passa a se diluir com esse entrelaçamento das duas entidades, que complexamente diferentes, enfrentaram desafios cruciais no decorrer de cerca de 250 anos. O europeu sentiu-se desafiado ao ter que, além de se adaptar, conquistar e explorar uma massa humana resistente e feroz – quando ameaçada –

num mundo misterioso e adverso ao seu. Ao índio, o desafio maior era defender o seu patrimônio da ambição incomensurável de gentes desconhecidas.

Esse encontro representa também um divisor de águas de uma nova história, que acentua as desigualdades. Não dá para negar, porém, a riqueza substancial para a identificação de uma sociedade herdeira da miscigenação de povos e culturas.

Por outro lado, e não com menos substância, registra-se o desrespeito no relacionamento dessas duas culturas, principalmente pelo “branco civilizado”. Desrespeito acentuado pelas cronistas-viajantes e, posteriormente, pela historiografia oficial. Esses, representantes iberos, mascaravam a verdadeira história do “homem natural”, na tentativa de descolorir e desvalorizar o fluido mitológico que vitalizava e ainda vitaliza uma sociedade extraordinariamente marcada pela riqueza do seu imaginário.

### **Referências bibliográficas**

CUNHA, Manuela C. (Org.) *História dos índios no Brasil*. – São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. – São Paulo: Marco Zero, 1994.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAMPAIO, W. & SILVA, V. L. *Os povos indígenas de Rondônia: contribuições para a compreensão de sua cultura e de sua história*. 2. ed. Porto Velho-RO: Editora da UNIR, 1997.

SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. – 2.ed., revista e ampliada. – Rio de Janeiro: Agir, 2001.